

O Poeta Cruz Filho

MARTINS CAPISTRANO

Meu pequenino, humilde e religioso Canindé, que no desamparado e sáfaro sertão cearense nasceu e cresceu sob as bênçãos de São Francisco das Chagas, ufana-se de ter sido o berço de um dos maiores poetas do Brasil, esse admirável Cruz Filho, cuja vida acaba de extinguir-se em Fortaleza, onde vivia desde os últimos anos da segunda década do século. O nome e a obra de Cruz Filho não chegaram, entretanto, a atingir os umbrais da Metrópole, onde pontificaram a arte e a inspiração de Bilac, Alberto de Oliveira, Olegário Mariano e tantos outros mestres da grande Poesia universal e eterna que aqui puderam instalar as emissoras de seu estro imortal. Porque permaneceram modestamente dentro dos muros da Província, injustamente e esquecidos dos que fabricam a consagração até de mediocridades satisfeitas.

Cruz Filho foi, na realidade, um grande poeta, não só do Ceará ou do Nordeste, mas do Brasil. Do Brasil que às vezes ignora os valores da Província para só glorificar os intelectuais da Metrópole.

Parnasiano de vigorosa imaginação verbal, romântico de intenso e contagiante lirismo, o poeta de *Poemas dos Belos Dias* teve, porém, sua obra pouco difundida, o que limitou também o conhecimento de sua personalidade invulgar, de suas qualidades de intérprete da alma sentimental do brasileiro, mais precisamente do nordestino.

Príncipe dos Poetas Cearenses, eleito em pleito memorável promovido pelos intelectuais e pela imprensa de Fortaleza, membro titular da Academia Cearense de Letras, onde ocupava a Cadeira n.º 39, que tem como Patrono Araripe Júnior, esse mago da poesia não pertenceu a nenhuma Escola Literária nem se filiou a qualquer movimento de idéias. Porque, se foi parnasiano pela perfeição de seus versos, nestes encontramos uns tons macios de romantismo e simbolismo que o tornaram eclético no sentimento e na inspiração. Vejamos como exemplo o harmonioso parnasiano nestes lúbricos alexandrinos de feição bilaquiana:

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

*Sonhei-te: a noite, então, mais radiosa que o dia,
Era toda esplendor, maravilhas e encantos.
Quantas constelações não rutilavam! Quantos
Belos deuses, a errar, pela amplidão havia!*

*Onde estávamos nós? — Ao certo, eu não sabia
A que estranha região, plena de árias e cantos,
Fôramos nós parar — longe desta de prantos
Misérrima região, que é a terra exausta e fria.*

*Que sustos, que aflições os olhos te alargavam,
Vendo, em torno, a girar, orbes que coruscavam,
Como num mar azul fantásticos faróis!*

*E eu, qual lúbrico fauno, através dos espaços,
Levava-te orgulhoso, enlaçada em meus braços,
Toda nua, a corar, ante os deuses e os sóis. . .*

Ou o simbolista romântico desta serena, maravilhosa e fulgurante

CANÇÃO DA CIGARRA

*E a velhice aí vem. Vem, com os seus frios,
Com o seu tristonho, o seu brumoso inverno,
E os céus, que eram azuis, ficam sombrios,
Desfaz-se o tempo que eu supunha eterno.*

*Flavos dias de sol! Quentes estios!
Brando enlevo romântico e superno
Que eu cantando passei! — ei-los vazios,
Meus castelos de sonho, ao vir do inverno!*

*Consumi, nesta insólita algazarra,
Chamando embalde uma perpétua ausente,
A minha ociosa vida de cigarra!*

*Mas quanto ingênuos são o canto e o anseio
Da cigarra que invoca inutilmente
A doce companheira que não veio!*

Com a mais apurada perfeição técnica e uma suave emotividade impregnando as imagens com que o poeta enriquecia os seus versos, Cruz Filho tecia magnificamente a arte, a filosofia e o sentimento que estão em todos os poemas incluídos em seu livro definitivo, *Toda a Musa*, editado há cerca de dez anos, pela Universidade Federal do Ceará.

Quando, há mais de quarenta anos, veio a lume a coleção de *Poemas dos Belos Dias*, tive a alegria de escrever, na revista *Fon-Fon*, uma crônica em que formulava, ao lado de informações sobre Cruz Filho, que me estimulara e me guiara para o mundo das letras, despretensiosa apreciação referente à grande poesia desse autêntico e extraordinário poeta de minha adolescência e do meu torrão natal.

Vi-o pela última vez, em sua residência da Rua General Sampaio, na capital do Ceará, em outubro de 1968. Cruz Filho,

com oitenta e quatro anos, continuava com sua lucidez integral e não lhe declinara a inspiração. Era o mesmo grande poeta da década de 20 e o mesmo irmão admirável que dava a Gregoriano Cruz, o esteta primoroso arruinado pelo álcool, a assistência de uma amizade fraterna e de uma dedicação sem precedentes.

Cândida Maria Santiago Galeno, a escritora que atualmente dirige os destinos da Casa de Juvenal Galeno, escreve-me agora com a notícia da morte de Cruz Filho e o programa de comemorações do 55.^o aniversário da fundação daquele famoso sodalício literário de Fortaleza, fundado por sua tia Henriqueta Galeno. Por iniciativa de Nenzinha Galeno, a Casa de Juvenal Galeno dedicou as solenidades de 28 de setembro à memória de Cruz Filho, lembrado carinhosamente pelo prof. José Valdivino de Carvalho, e que teve seu retrato produzido pelo pintor e poeta Otacílio de Azevedo, inaugurado na Galeria dos Poetas Cearenses e sua Poesia interpretada pela prof.^a Conceição de Maria Weyne de Melo, diretora do Curso de Declamação Padre Antônio Tomás, de Fortaleza, e suas alunas.

A vocação lírica de Cruz Filho deu-lhe o renome que o Ceará inteiro celebrou e exaltou durante mais de meio século, nas produções desse artista opulento, cujo estro emudeceu para sempre, sem todavia destruir a obra de um dos mais fecundos e harmoniosos poetas cearenses de todos os tempos. Nossa história literária, estou certo, saberá dar ao poeta que tanto nobilitou sua arte e tanto honrou e engrandeceu sua terra, o lugar que ele merece, na galeria das mais altas vozes líricas do Brasil. Será uma espécie de desagravo pelo silêncio da crítica meridional diante dos fulgores da arte inimitável do poeta nordestino.

Rio de Janeiro, novembro de 1974.